

Apresentação

A vida está difícil. Essa é uma frase intimamente conhecida pelas classes inferiores. Cotidianamente é dita para se referir à realidade histórica que continua tornando a vida difícil para a maior parte da sociedade. Essa frase traz consigo a crítica da realidade e ao mesmo tempo a ideia de sua superação. E é aqui onde está um dos problemas que deve ser superado. A superação se refere à superação de quê? E se se propõe a superação, o que se planeja colocar em seu lugar?

O capitalismo criou maravilhas para a classe dominante e suas classes auxiliares e criou ao mesmo tempo a miséria, a exploração e a dominação para as classes inferiores. Estas últimas, no entanto, lutam cotidianamente para superar esta realidade, mas encontra pela frente os limites da consciência burguesa. A consciência burguesa não permite pensar para além do modo de produção capitalista. Por isso, pensar em superação em sua perspectiva perpassa seguir o caminho da meritocracia, do dinheiro, da acumulação de capital. É nesse sentido que prevalece hoje os projetos de vida em que os indivíduos elaboram ainda quando jovens, que vislumbram um futuro de acordo com os princípios do capital.

Alguns indivíduos trilham o caminho dos estudos. Conhecemos bem a máxima de que um indivíduo sem estudos não é nada; outros, começam logo cedo a trilhar o caminho do trabalho alienado; outros integram a criminalidade, outros, buscam caminhos diversos. E nestes caminhos, poucos tomam como referência um projeto que aponte para além do modo de produção capitalista. O que se observa é o predomínio da ideologia e modo de pensar da classe dominante que toma conta da consciência do indivíduo e o impede de pensar para além do modo de vida burguês. E assim, a vida burguesa é largamente reproduzida.

Quando se fala que a vida está difícil o que se propõe na maioria dos casos é planejar a vida para um trabalho alienado, buscar por melhores salários, ou até mesmo jogar a sorte na loteria, sempre na esperança de que o dinheiro possa tirar o indivíduo da situação difícil em que vive. Mas o tempo passa e a vida continua difícil. O que está claro é que o projeto burguês de sociedade cria pessoas doentes, torna a vida difícil para a maioria de seus integrantes, é pautada em relações de exploração e de dominação, e a liberdade é uma mera ilusão.

O que está claro é que esta sociedade precisa ser superada, precisa ser abolida. Mas como? Alguns vão dizer que é preciso eleger o candidato certo para tirar o país do atoleiro. Outros vão dizer que abolir a sociedade capitalista é impossível. Na sociedade feudal (e até mesmo na sociedade escravista), indivíduos também pensavam ser impossível o feudalismo ser abolido e outra sociedade ser constituída. E aqui estamos no capitalismo vivendo situação

semelhante. Mas o fim desta história é inexorável, e independente se se afirma ser impossível ou não, a roda da história não roda para trás. Temos pela frente um mundo a conquistar.

O movimento operário foi o primeiro movimento da história a demonstrar a possibilidade de uma nova sociedade sem classes sociais. Isso despertou a ira da burguesia, como não poderia deixar de ser. Os seus auxiliares também ficaram preocupados, e até hoje ruminam para todos os lados que o único futuro possível é a democracia, ou seja, a sociedade burguesa. É claro que essa é a forma de defenderem a sociedade burguesa, de constranger as pessoas a não pensarem noutro projeto de sociedade que não seja no projeto que já conhecemos, o burguês.

O que a burguesia e seus auxiliares não esperavam é que o projeto de sociedade apresentado pelo movimento operário demonstrou sua eficácia no processo de supressão da miséria, das desigualdades, da pobreza, em síntese, na superação das classes sociais. E isso tornou-se um encaixe na história convertido em incômodo para os representantes do estado, que passaram a fazer investimentos cada vez mais amplos nos braços armados do estado, a investir em projetos sociais para limitar os movimentos radicalizados, em controlar os conteúdos que ensinam nas escolas etc. O que se observa é que há um certo ar de desespero nas ações do estado e da burguesia para ocultar da história o projeto de sociedade desenvolvido pela classe operária.

Mas a hora do funeral do capitalismo já soou a muito tempo. Desde o século XIX que o proletariado tocou a sirene para enterrar o modo de produção capitalista. E fez isso apresentando o projeto da autogestão. A Comuna de Paris de 1871 é o marco de apresentação deste projeto. O problema é que este sinal foi interrompido pelo estado e pela burguesia. Foi reprimido, suprimido e impedido de manifestar no conjunto das produções culturais. Hoje fala-se muito pela televisão, pelo rádio, na internet, nos livros etc., em política, em futuro, mas o que se fala é em política burguesa, em um futuro no capitalismo etc. Como se observa, nada de autogestão aparece. Isso é um exemplo do como o estado é cuidadoso em não deixar o projeto de sociedade da classe operária ser conhecido.

O estado tem conseguido sucesso nesta empreitada até agora. Mas o movimento histórico que implantará a autogestão está crescendo. A cada dia ganha um novo membro, cada membro desperta a atenção de outros indivíduos e neste movimento, a luta da classe operária vai se fortalecendo. Em breve a novidade histórica da autogestão despontará no horizonte, e isso acontecerá independente da vontade da burguesia e daqueles que integram as suas classes auxiliares.

*Boa leitura!
Conselho Editorial
Revista Espaço Livre.*